

9/11/1986

NOVA REPÚBLICA

Assassinato em Leme — De um lado, mil bóias-frias, há doze dias em greve, montam piquete pacífico. Do outro, 140 soldados da PM, prontos para degenerar a cena em violência. O clima é tenso. Até que entre os policiais é disparado o primeiro tiro, depois outro e mais outro... Seguem-se dez minutos de tiroteio pesado contra os trabalhadores. Saldo: o bóia-fria Orlando Correa, de 22 anos, e a doméstica Cibele Aparecida Manuel, de 16 anos, tombaram mortos pelas "balas democráticas" da PM de Montoro dezenas de feridos. Rapidamente, o diretor geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, o ministro da Justiça, Paulo Brossard, e outras personalidades da "Nova República" tratam de, sem antes fazer qualquer investigação sobre o caso, responsabilizar a CUT e o PT pelas mortes. Semanas seguidas autoridades ocupam os jornais para caluniar os trabalhadores e seus representantes. Em 5 de novembro último, o delegado que preside o inquérito sobre o conflito anuncia que o PT está inocente. A "Nova República" não vem a público se retratar das calúnias que lançou.

Intervenção branca — Temendo reação negativa da opinião pública, a "Nova República" não intervém diretamente nos sindicatos. Tal prática cede lugar a outra, pouco mais sutil: afastamento de dirigentes sindicais, membros de Comissões de Fábrica, CIPAs e ativistas. A lista é enorme. Entre outros, foram atingidos bancários e vidreiros de São Paulo, Comerciantes do Espírito Santo, Metalúrgicos de São Bernardo, Santo André, São José dos Campos, Campinas, Itu, Limeira, Canoas e Manaus, Condutores de Campinas (detalhes na página seguinte).

Exército em Volta Redonda — Furtando-se ao diálogo sério e conseqüente com os trabalhadores rurais, a "Nova República" ordena ao membro da CSN — Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda (RJ), para acabar com a greve dos empregados, que reivindicam reposição salarial e fim da repressão dentro da empresa. Pressionados pelos 899 soldados que invadem a siderúrgica, os operários acabam voltando ao trabalho, sem o atendimento aos seus.

Massacre em Guariba — Bóias-Frias de Guariba cruzam os braços, em Janeiro de 85, reivindicando melhores condições de vida e trabalho. Arvorando protetor dos interesses de usineiros e proprietários de terras, o governo peemedebista de São Paulo ordena à sua PM que parta pra cima dos bóias-frias, com brutalidade. Repetem-se as cenas de violência da época da ditadura.

Massacre na Villares — Numa noite de novembro de 84, quando os trabalhadores na Villares-São Caetano, em greve por melhores salários, realizam assembléia pacífica no interior da fábrica, soldados da PM tomam o local de assalto e retiram os operários à força. Na manhã do dia seguinte, a PM repete a operação de guerra, desta vez com violência inaudita. Saldo: dezenas de trabalhadores gravemente feridos — um operário tem o olho vazado. O governo federal ainda está nas mãos dos militares, mas o governo do Estado, que orientou a ação da PM, já está nas mãos do PMDB, pilar da "Nova República".

(Primeiro Caderno — Página 10)